

1925

JULHO A OUTUBRO

N.º 24

INSTITUTO
DE MISSÕES
COLONIAIS



SERNACHE DO BOMJARDIM



BOLETIM

DAS

Missões Civilizadoras

DIRECTOR — Arnaldo Ubach

«O Instituto publicará um boletim destinado á propaganda da nossa acção civilizadora, a tornar conhecidos os trabalhos dos seus agentes e á discussão dos altos problemas de colonização. Será dirigido pelo director, com a colaboração obrigatoria de todos os professores.»

(Decreto de 8 de Setembro de 1917, artigo 18.º)



Composto e impresso nas Oficinas Escolas do Instituto de Missões Coloniais

SUMARIO

	PAG.
<i>Francisco da Cunha Rego Chaves</i>	1
<i>Palavras de apresentação</i>	3
<i>Comunicação feita aos chefes das Missões Civilizadoras pelo director</i>	6
<i>Carta de Lisboa — José Antonio Ferreira.</i>	7
<i>A educação dos indigenas nas colonias e suas vantagens — Domingas Lazary Amaral</i>	9
<i>Vasco da Gama e o Descobrimento da India — conferencia nas missões — Marcelino Mendes Nunes.</i>	14
<i>Missões no Ultramar — C. T.</i>	17
PELO ESTADO DA INDIA	
<i>Viagem ás Praças do Norte — M. Antunes Amor</i>	19
<i>Os «Muilas» — Manuel Correia da Silva</i>	27
<i>Cinco de Outubro de 1925 — C. T.</i>	28
CORRESPONDENCIA DAS MISSÕES CIVILIZADORAS:	
<i>Da Missão «Primeiro de Dezembro» — Armino Soares</i>	29
INSTITUTO DE MISSÕES COLONIAIS	
<i>Resultado dos exames do Curso Geral dos Liceus (alunos aprovados)</i>	32



BOLETIM

DAS



Missões Civilizadoras

DIRECTOR — ARNALDO UBACH

N.º 24

JULHO A OUTUBRO

1925

Francisco da Cunha Rêgo Chaves

ASITUAÇÃO da nossa maior colonia era de molde a crear os maiores embaraços ao Governo da Republica sobre a escolha dum homem que reunisse excepcionais qualidades de character, de illustração e competencia à altura não só da elevada dignidade de Alto Comissario da Provincia de Angola, como tambem da crise nela a superar. A nomeação foi cair num grande vulto de portuguez, o Ex.^{mo} Sr. tenente coronel de engenharia Francisco da Cunha Rêgo Chaves, com o aplauso de quasi todos os parlamentares e da propria colonia e a Republica muito se honrou confiando-lhe a incumbencia da resolução dos altos problemas que hão de fazer o resurgimento dêsse nosso vasto territorio e engrandecer a Mãe Patria.

Sente-se S. Ex.^a animado das melhores intenções, fazendo á colonia o oferecimento da sua vida, sua fé e sua lealdade com a mais patriótica abnegação. Vão constituir assunto de base para o trabalho de tam egrégio cidadão e á custa de todos os sacrificios as medidas do maior alcance para o fomento da provincia. Activar o commercio, assegurar e desenvolver as vias de comunicação, intensificar o aumento de produção e desenvolvimento das nossas riquezas coloniais, valorisar o

indígena dotando-o com os conhecimentos mais uteis à sua região e com o hábito do trabalho que distingue todo o povo civilizado: são os nobres intuitos do novo Alto Comissario de Angola.

Da eficiencia da sua acção será garantia a obra realizada como ministro das Finanças em 1920 no ministerio Sá Cardoso, e como ministro das Colonias em 1921 no ministerio Cunha Leal.

S. Ex.^a não se tem eximido aos serviços da Patria e dos seus ideais ocupando sempre os logares de mais alto prestígio e aceitando, sem comodismo, os que exigem maiores responsabilidades. E' um republicano indefectivel, tendo sido eleito deputado pela primeira vez, pelo circulo de Aljustrel, (Beja) em 1919. Actualmente é deputado por Timor.

Ha já alguns anos que era director da Companhia das Minas do Cabo Mondego a que todos vimos adquirir o maior desenvolvimento por efeito da sua orientação criteriosa e inteligente.

A todos assiste a segurança de que no seu novo e elevado posto em tudo saberá corresponder às exigencias das dificuldades de momento.

No brilhante discurso proferido no acto da posse, o Ex.^{mo} Alto Comissario dignou-se saudar os pioneiros da civilização com calorosas palavras de admiração e até de orgulho e de gratidão. Pela parte que honrosamente cabe aos filhos desta casa, que cheios de abnegação se entregam à obra da civilização por toda a Provincia de Angola, vem o *Boletim das Missões Civilizadoras*, orgulhoso, dirigir a S. Ex.^a a expressão do seu vivo reconhecimento, sciente de que Alguem d'ora àvante os olhará com o devido carinho e que por completo acabaram as más vontades com que tem sido premiados tantos sacrificios, da parte de quem deveria tributar-lhes o maior auxilio.

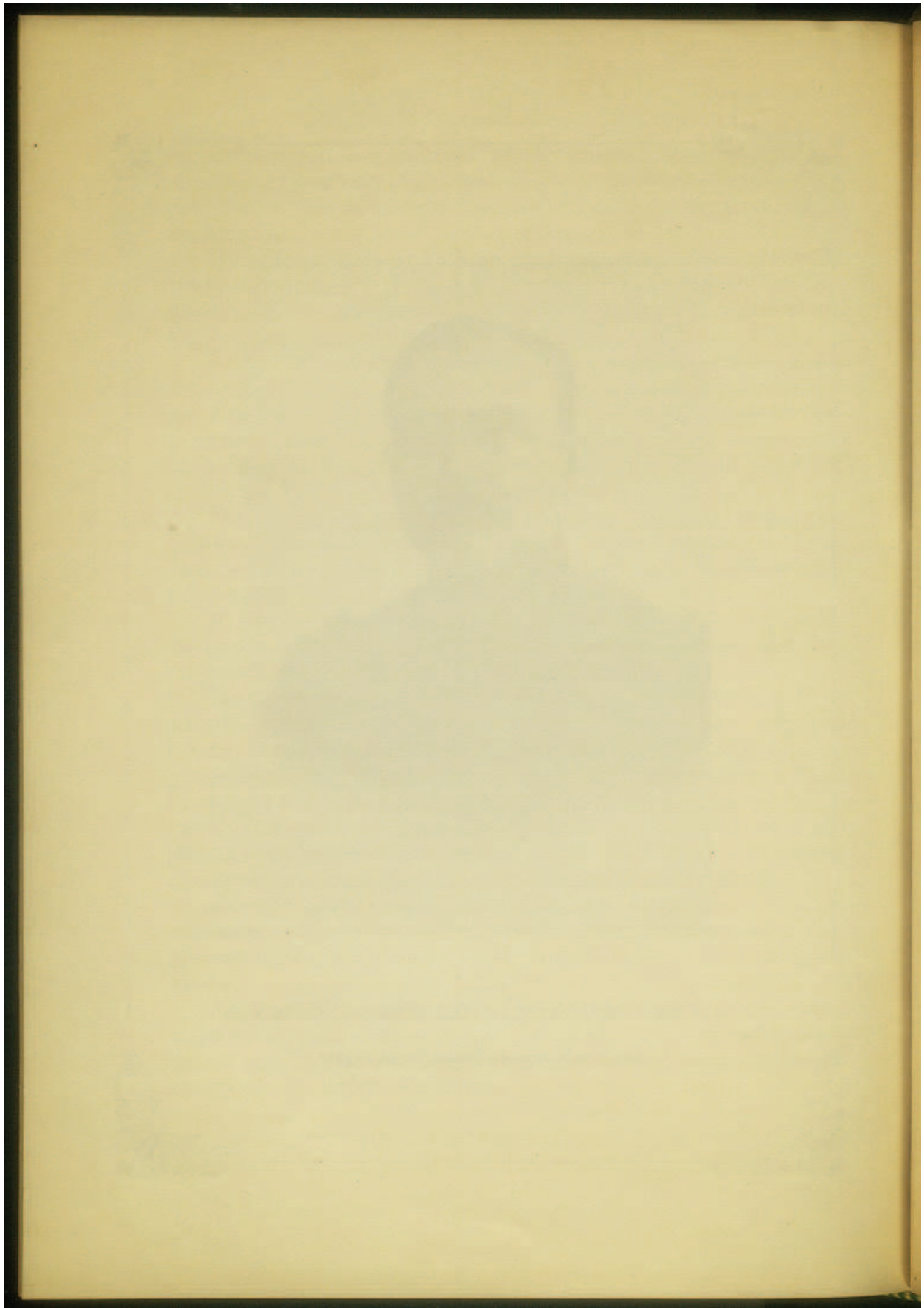
Ao Ex.^{mo} Sr. Francisco da Cunha Rêgo Chaves presta êste Boletim o preito da sua homenagem desta maneira bem modesta, mas muito sincera, devida ao prestigioso cidadão e à categoria do logar que ocupa.

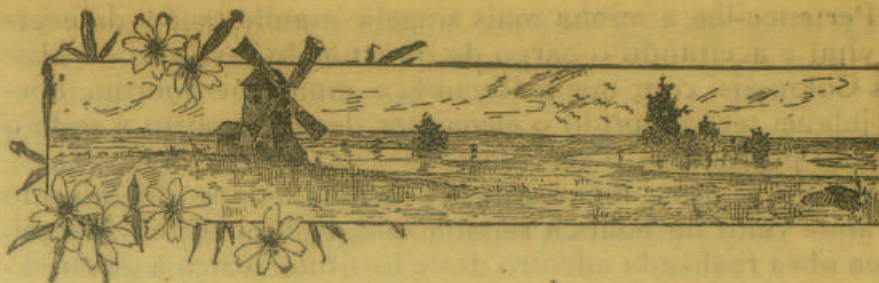
A. U.



Francisco da Cunha Rêgo Chaves

Alto Comissario da Provincia de Angola





PALAVRAS DE APRESENTAÇÃO

CUMPRINDO uma disposição regulamentar, cabe-me vir hoje encetar a minha colaboração neste Boletim, que o meu ilustre antecessor de saudosa memória, magistralmente iniciou e desenvolveu dando-lhe com interesse e acrisolado amor a cota parte do seu espirito brilhante.

Ultrapassando os umbraes da fronteira, ganhou renome esta revista e mereceu a citação honrosa em revistas estrangeiras modelares no género.

E' para mim, sobremaneira honrosa esta missão que me proponho seguir tentando a correspondencia daquela elevação e competencia, que tam nóbrememente até hoje tem sido propriedade destas paginas e que me fôr dado porventura exigir da medida dos meus recursos; a par duma fé inquebrantavel nos altos destinos da nossa Pátria.

Preliminarmente constituo-me na obrigação de manifestar o grande prazer e vivo entusiasmo de que me sinto possuído pelo facto de poder prestar, na modestia das minhas forças, e hoje mais do que ontem, um pequeno concurso para o objectivo a alcançar duma Pátria mais engrandecida.

Pertence-lhe a minha mais singela manifestação de energia vital e aceitando o cargo de director do Instituto de Missões Coloniais, com que a Republica muito me honrou, apenas julguei ter cumprido o elementar dever imposto a todo o cidadão português: o servi-la.

Substituo neste lugar a ilustre personalidade do falecido e grande vulto da politica republicana, Doutor Abilio Marçal. A sua obra realizada adentro deste Instituto realça a gloria do seu nome; o seu nóbre intuito está hoje colhendo os melhores resultados nas plagas africanas onde os espiritos dos pioneiros aqui preparados sob a égide daquele espirito esclarecido, com a pratica da maxima dedicação e sacrificios, obram verdadeiras maravilhas.

Era incansavel no trabalho e incomensuravel no amor que dedicava a esta casa tendo-a dotado com os elementos melhor coadonaveis com a mais eficaz preparação colonial dos educandos.

Absorver-se um espirito inteiramente no assunto da civilização dos indigenas, consagrar-lhe o melhor da sua vida durante anos seguidos, programa a que só a morte vem cortar o prosseguimento, é sublimemente altruista e dignificante.

O falecido director bem mereceu da Republica e do nosso patrimonio colonial.

Inspirado na sua obra, que é tão grande, eu queria seguir-lhe as pisadas com interêsse e dedicação, resultando, embora, pelo emprego dos meus esforços, uma palida sombra do que Sua Excelencia realizou.

Êsses pedaços da nossa Patria espalhados por quasi todos os continentes e mares do mundo são ainda hoje um vivo testemunho de que somos grandes, apesar de Portugal ser uma estreita faixa de terra neste canto do extremo ocidente da velha Europa.

São, com a admiração funda do nosso passado, o meu orgulho de português.

A sua conservação é o legado imposto pelos nossos antepassados; o desenvolvimento das suas riquezas minerais e agricolas, o dotarem-se dos melhores meios de comunicação, indispensaveis ao comercio entre os povos e a civilização dos seus naturais — a nossa melhor afirmação de nação civilizada e possuidora de recursos inesgotaveis e tradicionais da

nossa raça de colonizadores. Foi a êste Instituto que a República entregou primacialmente aquela última função.

Os agentes de civilização, depois duma preparação diligente e muito cuidada durante anos e perfeitamente identificados com a elevada ideia da Patria que os fez homens cultos, lá seguem para o sertão, heróis e martires do dever, fazer igualmente dos indígenas, cidadãos prestaveis ao seu país e á humanidade inteira.

E nêste campo de acção todas as energias podem operar. Só nos vastos territorios que são nossa pertença em Africa, lá cabem todas as missões catolicas ou laicas, muito á vontade.

A Republica tinha de crear as suas missões e creou-as. Aqui, em lugar de sua elevada confiança, corresponderemos em tudo ao encargo deposto em nossas mãos.

O ambiente aqui dentro continuará sendo de probo trabalho e de amor carinhoso pelas instituições.

De resto no exercicio das nossas funções teremos sempre a máxima preocupação em acertar, para que sempre esteja comnosco a consciencia do dever cumprido.



Instituto de Missões Coloniais

Comunicação feita aos chefes das Missões Civilizadoras

Pelo falecimento do prestimoso cidadão, o Dr. Abilio Marçal, muito perderam a Patria, a Republica e o Instituto de Missões Coloniais de que era director e a que votava o seu muito amor e o melhor do seu esforço, realizando uma obra que, sois vós os primeiros a atesta-lo, constituiria de per si, se mais não fôra, a lidima gloria dêsse espirito superior; mas a quem a sua morte atingiu muito intimamente, foi a vós outros que nêle tinheis o melhor amigo.

As missões, razão unica da existencia deste Instituto, pela elevada função que teem a desempenhar, eram o seu doce enlêvo; e aos seus elementos — almas plenas da maior abnegação, pelo que bem merecem da Patria e da humanidade inteira — natural era que lhes dedicasse esse carinho que sempre lhes patenteou.

Não mais o correio vos levará os seus paternais conselhos e os seus incentivos, que tudo era força moral prestada.

No logar do vosso falecido director se encontra agora quem tem a honra de se vos dirigir. Seguir o encalço da sua obra é o meu intenso desejo, todavia, acrescentarei, sem pretensões de iguala-la.

Podeis confiar no meu acrisolado amor pela Patria e pela Republica e assim, criando esta as suas missões civilizadoras para honrar compromissos internacionais tomados, contaí sempre com a minha lial e dedicada colaboração: para isso aqui estou.

Sois os pioneiros da civilização e vái para vós todos a minha simpatia e admiração. Nêsse prolangamento da nossa Patria tendes uma nobre missão a cumprir e a honrar: trazer o indigena ao convivio da nossa cultura, ensinar-lhe a bem amar a nossa terra e outro-sim a nossa lingua, a nossa historia, que Napoleão obrigava a lecionar nos liceus da França por ser um môdelo de heroismo — para que êle tambem sinta o orgulho de ter nascido português.

Já é grande a vossa obra realizada com muita abnegação e muitos sacrificios e no seu prosseguimento nunca desanimeis:

atentos os olhos nos altos destinos da Patria, confiai, que tereis o premio merecido. No cumprimento rigoroso do vosso dever, marcai sempre aquêla nobreza de raça a que pertence a vossa personalidade inconfundivel.

«Contemplai a Patria que a Patria vos contempla»

Dignai-vos aceitar as minhas entusiasticas saudações.

Saude e Fraternidade

Instituto de Missões Coloniais, 3 de Agosto de 1925.

O Director,

Arnaldo Chaves Zlbach

CARTA DE LISBOA

Morreu em Sernache do Bomjardim o deputado Dr. Abilio Marçal.

FORAM estas, as palavras fatidicas, que esta manhã, afixadas nos *placards* dos principais diários da capital, me passaram ante os olhos como a fantasmagoria dum sonho diabolico.

Era lá possível!

Sabia que Sua Ex.^a se encontrava doente, mas não podia prever o fatal desenlace, que o meu espirito se recusava a admitir, como quem ferido de chofre por uma catastrofe ainda se recusa a admitir a sua realidade.

Filho dessa linda terra que é Sernache, perdida no coração de Portugal, onde os jardins são magicos retiros de fadas, o sol é mais fulgurante e o povo é laborioso e hospitaleiro, eu vejo-a daqui, a estas horas, coberta de crepes, como uma mãe que chora a morte do mais amado dos seus filhos; e razão tem Sernache para estar de luto.

Abilio Marçal, que foi um grande patriota, um exemplarissimo chefe de familia, foi sobretudo um grande amigo da sua terra.

Para lhe dar todos os melhoramentos, provocando o bem estar da sua população, para a embelezar, e em suma para a engrandecer, enviou Abilio Marçal os seus melhores esforços e toda a sua actividade de homem intellectual e moralmente superior.

O que Sua Ex.^a, que na nossa vida politica occupava uma alta situação, que a sua grande modestia não conseguia ofuscar, fez para a nossa terra, demais é conhecido pelo que representa de grandioso e de duradouro; a sua obra, fazendo dum velho casarão que era o Colégio das Missões Ultramarinas, um estabelecimento de ensino modelar, satisfazendo a todas as exigencias da moderna pedagogia, é bem a dum espirito culto que á causa da civilização e sobretudo da civilização colonial dedicou a melhor das suas energias.

Foi elle, no momento em que o nosso vasto e ainda grandioso império ultramarino, com poucas e desmoralizadas missões religiosas estava sendo de lés a lés invadido por missões estrangeiras insinuantes e desnacionalizadoras, que primeiro compreendeu o abandono a que as nossas colonias estavam votadas sob o ponto de vista da civilização e o perigo que afrontava a Soberania portugueza em todos esses dominios que de hemisferio a hemisferio recordam o nome portuguez e ostentam o pavilhão das quinas.

Foi Abilio Marçal que, arrostando com a indiferença duns e com a má vontade d'outros, conseguiu enviar para lá as primeiras e unicas missões civilizadoras laicas, que sobretudo em Angola e Moçambique, as duas joias do nosso patrimonio colonial, estão dando os seus resultados espalhando a semente bemdita da instrução e aniquilando a ação desnacionalizadora das missões estrangeiras.

Muitas vezes os vi aqui passar, os futuros agentes civilizadores, saídos do Instituto de Sernache do Bomjardim, alguns dos quais meus antigos condiscipulos nessa casa de ensino, que, embora rapazes na flor da vida, na época juvenil dos sonhos e das esperanças, elés iam confiantes, pelas sabias instruções do seu director e pelos salutaes conselhos do seu grande amigo, dedicar-se a essa sagrada, mas por vezes ingrata tarefa, de em longínquas terras civilizar os indigenas.

Amanhã, quando nessas paragens os nossos missionarios laicos souberem da morte do seu querido Director, sentirão com certeza a dor profunda de quem perde um chefe, e a saudade viva de quem vê desaparecer um amigo carinhoso e protector.

Descança em paz meu amigo. A tua obra ficará. No coração de todos os alunos do Instituto, a quem tu dêste os sabios conselhos da tua direcção, e sobretudo no do povo de Sernache o teu nome viverá sempre, envolto n'uma aureola de saudade e de gratidão.

Lisboa, Junho de 1925.

José Antonio Ferreira

*Tenente e aluno da Faculdade de Direito
da Universidade de Lisboa*



A educação dos indígenas nas colónias e suas vantagens

(CONCLUSÃO)

O indígena da Africa possui apreciaveis qualidades de assimilação, e grande propensão para artes e officios; porém ministrar-se-lhe a instrução sem a educação é estraga-lo; é tornar a acção civilizadora inútil a elle proprio e a Portugal. Ocorre-nos, a propósito, um frase que vem no «Projecto de Organização de Instrução Pública na Provincia de Angola» da autoria do alto commissário, general sr. Norton de Matos, a quem devemos a oferta de um exemplar; frase esta que não resistimos em transcrever por representar o nosso proprio sentir: «*A instrução puramente litteraria e o prosetismo são das peores pragas que podem cair sobre os indígenas de Africa*». Com melhor oportunidade nos referiremos mais detidamente a este Projecto de Instrução.

O indígena vive em completo estado das primitivas eras. Tem por habitação uma cubata infecta, sem luz, sem ar, sem o menor conforto, mesmo para as suas mais exiguas necessidades; servindo-lhe o chão em que chafurda o porco, esgravata o gato, depenica o pinto, de cama, de meza e de cadeira. Vive tudo numa promiscuidade revoltante; e elle desconhece, em absoluto, as mais rudimentares regras de hygiene. Quando num *ménage*, acontece morrer o seu chefe, seja de que moléstia fôr, a consorte toma, no leito ou na *chiça* (esteira) o lugar que o morto deixou vago, sem mudanças prévias de roupas; sem desinfecções; preceitos estes por elle completamente desconhecidos. Obedece, procedendo desta forma, á religião que professa; aos usos e costumes de seus avós. E não se pense que este seu viver é no mais recondito dos sertões, longe da influencia europeia; oh, não! Em Loanda, capital de provincia, leva esta mesma existência, verdadeiramente nómada. O contrario constitui uma excepção á regra. Sabemos, é certo, que uma ou outra autoridade local tem, por vezes, procedido enérgicamente para evitar a pratica de tal desacato á hygiene; mas. . . de que serve esse caso ou outro de energia da parte do funcionario da policia, se o processo não deve ser esse? Por vestuário, usa o indígena o corpo nú; e em vez da parra com que

se cobriu o velho pai Adão da Bíblia, depois de haver pecado, o negro traz um farrapo ou a pele da última corça que matou!

Também sabemos que algumas ordens enérgicas foram dadas para se pôr cõbro a tão degradantes percursões em plena cidade; mas se o gentio precisa de vir á cidade vender a sua mercadoria e comprar os géneros para o seu sustento? De resto, desconhecendo em absoluto as mais rudimentares regras da moral pública, porque nunca ninguém perdeu tempo em lhas ensinar, porque ha de cobrir a nudez que para elle é cousa tão natural? O indígena, mesmo aquêl que se conserva em verdadeiro estado selvagem, á semelhança da criança, com facilidade faz o que vê, e aprende o que com insistencia observa. Ora elle não vê, para se civilizar, grandes exemplos de moral e probidade no europeu com quem mais de perto trata: os deportados que a Metropole incessantemente despeja para o Deposito Geral de Degredados da Provincia de Angola.

Estes homens constituem um péssimo elemento de observação para o negro, e de triste reclamo para Portugal. E' um mal este a que urge pôr cõbro; pois o indígena, além do péssimo conceito que pôde formular sôbre os brancos em geral, pelos exemplares que se obstinam em mandar-lhe, não aprende os bons costumes sem os quais não é possível civilizá-lo; e o procedimento da parte das autoridades que tentam corrigi-lo, torna-se antipático, odioso mesmo, a seus olhos, que não descortinam os escrúpulos dessa minoria. Se volvermos a vista para a agricultura, vemos que os processos por elle empregados são dos mais rudimentares. Ignorando ainda a existência e utilidade da charrua, dos diferentes maquinismos empregados no amanho das terras, na colheita da semente, etc., etc., o que torna a tarefa mais rápida e mais leve o esforço do homem, o indígena deixa grandes extensões de terreno incultas. Sendo excessivamente indolente, semeia o restrito para prover ás suas necessidades de momento. Não tem ambições; não tem encargos; nem os de familia que obriga os chefes dos povos civilizados a verdadeiros prodígios. A' mãe indígena cabe exclusivamente, o pesado encargo de sustentar a sua, por vezes, numerosa prole.

Esta é mais laboriosa do que o homem, ella não somente trabalha para prover ás necessidades dos filhos como também para sustentar os inúmeros vícios do seu companheiro que, a maior parte das vezes, vive do produto do trabalho não só de uma como de muitas mulheres que explora. Porém, se é certo que a mulher indígena das colónias africanas é mais laboriosa do que o homem, seu igual, não se segue que ella produza um trabalho consciente e cuidadosamente executado. Ella trabalha mais porque o egoísmo e desdem que o seu companheiro professa pelo amanho da terra, a isso a obriga; senão morreria de fome. A sua situação de escrava não lhe dá direito a insurgir-se: por isso ella cava, quando ainda vive em estado completamente nómada: varre as ruas da cidade, assalariada pela Câmara, que lhe paga uma bagatella; é criada de servir quando a isso se quere sugeitar. Ella, porém, faz tudo isto sem a mais leve sombra de critério; porque, se cava, desconhece, como o homem, os processos mais adequados para tratar da terra que occupa; e,

longe de a fazer prosperar em produção, a conserva sempre no mesmó estado, apenas semeando e colhendo o preciso para se sustentar; entregue aos serviços domésticos, desconhece as regras mais rudimentares da hygiene, da economia doméstica, e não tem, para cousa alguma a verdadeira noção do tempo: trabalha, pois, sem método e sem proveito. Isto tudo se deve ao abandono a que tem sido votada a educação dos povos indigenas, ainda os que vivem mais em contacto com o europeu. Ainda me lembro que, estando nós em Africa (Loanda) donde, aliás sou natural, cidade esta que bem merecia que se olhasse para ela com mais atenção, tanto pela sua conquista e reconquista históricas, como pelo seu clima, hoje considerado assás benigno; onde o europeu já não tem a temer a malária nem o escorbuto — lembro-me, iamos dizendo — da luta que tínhamos que sustentar para conseguir, das criadas, que enxugassem a louça ás toalhas competentes: sendo apropriado para elas, o primeiro farrapo sujo e esburacado que se lhe deparava no chão.

Atendendo agora nos chamados civilizados, vemos que a maior aspiração assim que se apanham com o exame de Instrução Primária é o emprego publico, a conquista da tão almejada manguinha de alpaca.

Eles sabem antecipadamente que podem ganhar sem se matarem a trabalhar.

A fama é tal, a da burocracia lisboeta, que invade sem rebuço as carteiras das repartições ultramarinas; sendo o contágio tão pernicioso que o nativo se chega a convencer de que assim mesmo é que é. E assim se vão habituando a defraudar o tesouro público...

Não sômos, portanto, apologistas do ensino literário como o têm pretendido, indistinctamente administrar. O que preconizamos é uma educação higiénica, profissional, desenvolvida e bem aplicada que contribua para a melhoria da situação moral e material do indígena e da Metropole.

Daquele, não deve, apenas, ser aproveitado o braço que extrai rudimentarmente a borracha; apanha o café e planta o cacau, semelhante à besta que se atrefa ao carro, se chicoteia e se consegue pôr em movimento; ou à junta de bois que pachorrentamente e com os olhos cheios de ternura, puxa o arado, porque a êle é jungido.

Tambem se não deve pretender impôr ao indígena ainda em estado selvagem a frequência de escolas de brancos e assimilados, submetendo os seus cerebros acanhados aos profusos e prolixos programas de pedagogia, oficialmente regulamentados na Metropole. Entre êstes dois extremos entendemos dever tirar-se a média, o que é muito importante pelo menos assim o entendeu o actual alto-comissario da Provincia de Angola, o general sr. Norton de Matos que, em 1913 elaborou o seu intelligente «Projecto de Organização de Instrução Publica na Provincia de Angola» projecto êste a que já tivemos ensejo de nos referir. Este projecto apesar de se intitular de «Instrução», compreende uma grande parte educativa; e sabiamente pôsto em prática são de esperar resultados vantajosissimos.

A educação do indígena deve ser feita por exemplos vivos para bem

impressionar o seu cerebro que, em estado embrionário, se recusa a aceitar teorias demasiadamente complexas de que os compendios estão pejados, quando sobretudo elas não são expostas por pessoas edóneas e de moral irrepreensível que se imponha directamente à sua observação.

Por isso é da máxima importancia e assim tambem o previu o illustre autor do projecto, não se tendo esquecido, no seu artigo 41, capitulo V, criar prémios para galardoar os serviços distinctos prestados pelos professores. Por sua vez a Metropole deve empenhar-se na boa escolha do elemento burocrata e operário a enviar para as colónias. Esta escolha deve ser feita não só entre os profissionais mais distinctos como tambem dentre estes os que melhor vivam a sua vida doméstica. Desta forma o bom operário fará de cada individuo que lhe é confiado, um artista consciencioso; e, pela simplicidade do seu viver são e higiênico, constituirá um exemplo frisante que desperte no indígena os sentimentos salutareos da bondade, do trabalho e da honra. Só pelo exemplo, creiam-nos, se consegue inculcar no animo do indígena estes attributos sem os quais a obra de civilização é incompleta. Não lhe mandem para lá soldados para os submeter: estes, longe de o chamar á razão com arma mortifera que arraza as suas cubatas, excitam o seu instinto guerreiro, e ao mesmo tempo que a espada, aparentemente o aniquila vai dando vida a um novo sentimento de vingança, que, cedo ou tarde se torna em arma terrível contra o seu vencedor. Isto é da História. A Mãe Pátria deve procurar conquistár um amigo em cada indígena, e não um inimigo de quem tenha a têmeo as iras desencadeadas. Não sabemos se a ideia das missões laicas em que se falou, foi posta ultimamente em prática; nem se, caso o foi, esses organismos têm correspondido ao fim para que foram creados. Eis uma arma a aproveitar e a manejar com vantagem para uns e outros: colonos e colonizadores. Mas, para que estas missões se desempenhem cabalmente da nobre missão que têm a cumprir, é preciso proporcionar aos elementos que as compõem o material necessário ao seu funcionamento e desenvolvimento; e que a escolha desses elementos obedeça ao critério honesto de distribuir bons cooperadores pelos inúmeros sertões da Africa; e não tenham unicamente em vista, aqueles que os nomeiam, em colocar afilhados que vão auferir maiores ou menores proventos.

A obra das missões laicas deve consistir em ensinar conscienciosamente ao indígena ainda os mais mentalmente atrazados, o amor ao trabalho, pelo próprio trabalho; a higiene que éle observará nos preceitos civilizadores; a prática do bem que todos se esforçarão em prodigalizar às mãos cheias e sem espirito de sectarismo; como convem. Mais tarde não será desacertado, antes vantajoso, que a propria Provincia forneça, de entre os seus filhos devidamente habilitados, os elementos necessários ao desenvolvimento da acção civilizadora pela Metropole encetada. Isto é: a Provincia deve mais tarde fornecer os mestres evitando desta forma o dispendio que o envio de educadores ocasiona a Portugal. De resto é este o critério de s. ex.^a o alto commissário da Provincia de Angola, que no seu projecto de Instrução, na parte referente ao seu Relatório de apresentação evidencia nos seguintes termos: «E' convicção mi-

nha, profunda e bem estabelecida, que devemos recrutar a maioria destes professores entre os indígenas da Provincia.

Julgo-os, desde que sejam bem instruidos, bem educados e bem treinados, em condições superiores aos seus colegas da Metropole para a administração do ensino á grande massa dos habitantes de Angola».

Não esqueceu o illustre organizador que, para haver bons alunos é preciso haver bons professores; e todo o capitulo III artigo 24 comprehende um «Curso de professores de ensino primário elemental». Neste curso, além da parte puramente literária ha a parte que se refere ás culturas coloniais; noções elementares de agricultura pratica, e conhecimentos dos terrenos sob o ponto de vista das culturas; sementes, plantas, seu valor comercial; adubos, colheitas, armazenagem, etc. Em ensino anexo, ministram-se noções de hygiene geral, em especial hygiene escolar; educação cívica; e artes manuais adequadas. Destacaremos também, afim, de evidenciarmos mais uma vez o espirito pratico e positivista que admiramos no illustre organizador do projecto, o § único do artigo 2.º que diz: «Tanto a instrução primária elemental, como a complementar superior, abrangem o ensino de uma profissão manual, agricola, ou industrial adequada ao sexo e ás conveniencias da região, no qual se empregarão, em regra, dez horas por semana. O sexo feminino terá além disso, os trabalhos de agulha, labores e economia domestica».

Como defensores que sempre fomos da educação dos indígenas e sua civilização, temos a honra de apresentarmos ao Congresso as seguintes:

Conclusões

I) — A substituição do Depósito Geral de Degredados da Provincia de Angola, por uma ou mais colónias agricolas disseminadas por vários pontos, todos elles o mais afastados possível de Loanda, onde o Presidio actualmente se encontra. Esta medida é de um grande alcance moral para o prestigio da Metropole e para a educação do indígena que deve ter constantemente ante seus olhos, exemplos do mais alto civismo, que os elementos anormais exportados pela Mãe Pátria lhes não podem fornecer, devido á tara que os faz expiar as faltas cometidas.

II) — A immediata formação de missões laicas que se espalharão profusamente pelos mais reconditos sertões africanos, por entendermos que só o exemplo de elementos de reconhecido valor moral, profissional e cívico terá o poder de educar vantajosamente o indígena de Africa; e por considerarmos estas a unica barreira eficaz a antepôr ao desenvolvimento, cada vez mais crescente, de missões estrangeiras que, desnacionalizando o indígena o subtrai á influencia da Pátria Portuguesa.

III) — A mais rápida e ampla divulgação e applicação do «Projecto de Organização de Instrução Publica na Provincia de Angola» da autoria de sua ex.^{ta} o alto commissário, general sr. Norton de Matos, por nelle se encontrarem substanciadas, as medidas indispensaveis ao desenvolvimento cívico, moral e economico dos indígenas nas colónias e as vantagens que daí advêm a Portugal.

Domingas Lazary Amaral



Vasco da Gama e o Descobrimento da India

TODOS os grandes acontecimentos historicos, todas as evoluções por que tem passado o genero humano, tem sido o trabalho de um espirito forte, duma vontade inquebrantavel, dum homem excepcionalmente dotado.

Desde a formação dos grandes impérios á concepção e difusão das sãs religiões que tantas vezes tem mudado a psicologia de um povo e os seus usos e costumes, encontramos sempre uma figura de destaque que, ou impelida por sentimentos filantropos e altruistas ou por vaidade ás vezes, tem sabido arrastar á corrente do seu pensamento milhares de seres humanos que guia num ou noutro sentido.

Um Brahma, um Budha, um Alexandre, um Jesus Cristo, e outros santos, uns com a espada outros com a filosofia, todos foram marcando na historia da humanidade uma pagina d'ouro que o futuro tem lido com veneração e respeito.

Com veneração porque a sublimidade dessas paginas fala de tal forma ao nosso espirito que ás vezes o mystifica; com respeito porque são um conjunto de regras e preceitos que muitas vezes dignificaram um povo, elevaram uma raça, criaram o amor onde só podridão moral existia, e transmitiram á posteridade leis e normas que bem indicam o caminho que a humanidade tem a seguir para atingir o seu fim ideal, a felicidade.

Esses homens a que podemos chamar sobrehumanos não morreram nem morrerão; como a sua obra, são imortais.

A sua obra vive hoje reflectida na civilização que se alastra a todos os continentes, que ameniza todos os lares e que tão bem prepara a auréola de esplendor a que tem jus o ser humano.

O seu nome vive chegado aos nossos corações, trazendo-nos á memoria feitos heroicos, conselhos salutaes, purifica a nossa consciencia e dignifica as nossas acções em occasiões em que a morbidez, o irritamento, o egoismo, a vaidade, a ambição desmedida, ameaçam arruinar o nosso ser, aniquilar a nossa existencia, e reduzir-nos a simples formas humanas donde desapareceram os sentimentos nobres e elevados e que dentro em pouco se transformarão em viveiro de reptis, em moituro que é preciso evitar.

A humanidade recorda com saudade e paixão esses homens precursores duma civilização cada vez mais desenvolvida e mais conforme á felicidade.

A esses homens, como preito de homenagem e respeito por aquilo que foram, dedica dias inteiros de tempos a tempos para mais intimamente poder entrar em contacto espiritual com eles e com as suas acções nobres e justas.

Esses dias são dias de veneração e recordação ao mesmo tempo que o são de regeneração.

Nessa veneração e recordação pomos toda a força da nossa alma, todo o fervor dos nossos sentimentos.

Como os sentimentos bons são postos em acção, a paixão é de tal forma intensa que aniquila tudo quanto no nosso consciente e inconsciente existe de mau e vil.

E' esta recordação vivificante para o espirito que as religiões tão bem souberam comprehender destinando certos dias do ano para serem vividos na contemplação dos grandes feitos dos seus heróis.

Heróis desta natureza tem-nos todas as raças civilizadas e cada uma adentro dos limites do seu sentimentalismo lhe presta homenagem.

Nós, portugueses, «povo forte usado á guerra» e ás provações tivemo-los também.

Lancemos uma vista de olhos para a historia patria e veremos bem salientes as figuras de um Viriato, dum Afonso Henriques, dum Nuno Alvares, dum Vasco da Gama e de tantos outros que immortalizaram o seu nome e elevaram a nossa historia ao ponto de ser cantada com paixão, fé e patriotismo por um Camões.

Os *Lusiadas* sintetizam o character firme e nobre da nossa raça e são a tradução nitida do grande esforço que fizemos em prol da humanidade numa época em que o seu futuro ainda era tão duvidoso. Camões depois de cantar os «altos feitos» dos nossos avós, daqueles a quem nós, portugueses, devemos o ser, occupa-se largamente da viagem á India, desse tão grande e tão desejado acontecimento que assombrou o mundo inteiro e que foi o despontar de uma nova época.

Vasco da Gama é o herói do poema.

A sua força de vontade, a sua constancia, a sua rectidão, o seu patriotismo sem limites, a sua viagem maravilhosa, são cantados em estrofes cheias de vida, de sentimento, de ternura, de comoção ás vezes, que extasiavam o espirito e levantam tão alto as façanhas dos nossos maiores que todo o mundo as contempla com admiração.

A sua viagem assombrou pois o mundo inteiro.

O seu exemplo encheu de orgulho os restantes povos da Europa que, aventurando-se no rasto dos portugueses e atraídos pelas riquezas do Oriente começaram uma nova época de navegação e commercio.

As ondas traiçoeiras do grande abismo tinham sido domadas pelos nossos navegadores.

Nada mais restava aos povos nossos vizinhos do que colher o fruto que tantos cuidados, estudos e atenções nos tinha exigido.

Mas o feito de Vasco da Gama quasi que ultrapassa as raias do concebível.

Para a historia da humanidade marca uma nova era.

Vasco da Gama, «mostrando ao mundo novos mundos» abriu novos e amplos horizontes á civilização até então limitada quasi que exclusivamente pela grande bacia do Mediterraneo onde floresceu o império romano.

O commercio abandona os empórios italianos de Genova, Pisa e Veneza e estende-se a todo o mundo levando a toda a parte o superabundante e estabelecendo o equilibrio.

A viagem á India alarga pois os horizontes a todas as nações e proporciona-lhes o desenvolvimento que havia tanto desejavam.

Desde mil quatrocentos e noventa e oito a raça branca tem-se alastrado a todos os continentes e tem aumentado enormemente a sua população.

O feito de Vasco da Gama foi, permitam-me a expressão, a pomada cicatricial para todos os males que ainda restavam da Idade-Média.

Até aqui as nações da Europa com os seus limites quasi que incertos degladiavam-se e trucidavam-se nos campos de batalha e um futuro pesado e triste era a certeza do dia de amanhã.

Porem desde que as naus portuguesas foram iluminadas pelo sol resplandescendente do Indústão desaparece o pesadelo da incerteza e novos horizontes se abrem ás ambições e aspirações europeias.

As nações da Europa que até aqui viam diminuir a sua população enfraque-

cida pela fome ou morta nos campos de batalha encontram além mar condições favoráveis para o ressurgimento das suas raças.

Com as permutas comerciais engrossadas pela fertilidade dos solos virgens que descobrimos terminavam as fomes.

Com a fixação de colônias de europeus em lugares favoráveis vão-se desenvolvendo pequenos embriões que mais tarde haviam de constituir todas as repúblicas sul americanas, o México e esse potentado que hoje dita leis ao mundo, os Estados Unidos.

Desde mil quatrocentos e noventa e oito um sol talvez mais brilhante e promissor ilumina o mundo.

Vai-se pois alargando sempre a grande família universal.

A confraternização universal tão debatida hoje será ainda uma consequência dessa grande viagem.

Imaginemos o mundo de há quatrocentos anos e ideemos o que será o bem estar da humanidade quando todas as raças e todos os estados ocuparem o lugar que lhes pertence por direito de irmãos, quando de vez acabarem as guerras, o egoísmo, e quando a ciência e o progresso forem as únicas aspirações.

Para Portugal a viagem à Índia esculpida nos Jeronimos e cantada nos *Lusíadas* foi a sua imortalização.

O derruir dos tempos e o progredir das civilizações mais tarde ou mais cedo far-nos-ão seguir o caminho por que tem passado ainda os mais florescentes impérios; perderemos, como os grandes impérios romano e napoleônico, o nosso brilho.

Porem esses dois edificios magnificentes, um simbolo da nossa riqueza e bravura outro personificação do nosso espirito, transmitirão á posteridade toda a nossa história e este nome que tanto queremos e amamos de Portugal.

A viagem á Índia é a consolidação do sentimento nacional que havia tres seculos se vinha formando.

Este excitado por uma ponta de orgulho que tão bem sabemos cultivar levamos depois disso á descoberta da América e á formação do grande império do Oriente que quasi ofuscou o grande império romano.

Nessa altura a religião dominava os estados e envolvia em si o mecanismo social.

Para nos expandirmos era preciso expandi-la, e foi isso o que sucedeu.

A religião e a espada são a característica dos nossos descobrimentos.

Tinhamos, pois, criada e consolidada a alma nacional, essa alma que tão bem caracterizou a nossa raça; porem excitada de mais nas longas campanhas d'alem mar adormece depois da malfadada batalha de Alcantara para mais tarde ser novamente despertada naquela manhã aureolada de esplendor do dia primeiro de Dezembro de 1640.

Tinha adormecido mas não tinha morrido.

Fortalecida pelo descanso acorda ainda mais forte.

Começa novamente a operar prodigios.

Reconquistamos grande parte do que era nosso além mar, firmamos a nossa independencia, isto é, asteamos mais uma vez o Pendão das Quinas, porque a nossa independencia nunca a perdemos.

Os nossos corações conservaram-se álerta vigiando o espirito da Pátria que dormia.

A nossa consciencia foi sempre independente.

Firmamos pois a nossa independencia internacional em Castelo Rodrigo, Montes Claros, Ameixial, e ha dez anos quando a vaidade alemã ameaçava o Mundo, essa alma nacional filha dum Afonso Henriques, dum Nuno Alvares, dum Vasco da Gama, ensina nos mais uma vez a conquistar um lugar de honra.

Faz hoje quatrocentos anos que expirou um dos nossos maiores heróis, Vasco da Gama.

Por todo o mundo é lembrada, com sentimento e saudade, aquela figura veneranda que abriu com suas naus o caminho de um Portugal maior.

Milhares de corações portugueses e estrangeiros sentirão acelerar-se-lhes o pulsar á medida que a imaginação contempla a passagem do Cabo da Boa Es-

perança, a traição de Moçambique, de Quilôa, de Mombaça e a perfidia de Calicut. Nós, portugueses, desvanecemos-nos ao ver passar ante a retina essa esquadra fragil na qual ia o futuro de Portugal e também o da civilização.

Neste dia façamos voar a nossa imaginação até ao mosteiro dos Jerónimos, fitemos o tumulto de Vasco da Gama e recordemos com admiração e carinho toda a sua vida, todas as passagens históricas desde Lisboa a Calicut, e procuremos na campa fria a sua figura veneranda, interrompamos por uns segundos a respiração e no silencio que corresponderá a esse momento procuremos gravar bem fundo na nossa alma a sua nobreza de carácter, a sua constancia e circunspecção, para d'ora avante as seguir-mos com todo o fervor do nosso espirito.

Que na hora presente em que toda a sociedade se debate numa colisão de sentimentos e ideias, a honestidade, a rectidão, a ponderação e a constancia de Vasco da Gama nos sirvam de exemplo. Que o caracter de Afonso de Albuquerque não seja esquecido nesta hora suprema em que o pensamento recua quatrocentos anos e vai assistir a formação de todo o nosso dominio colonial que a sua espada forte tanto alargou.

Que este dia de veneração e meditação o seja também de regeneração.

Hoque, 25 de Dezembro de 1924.

Marcelino Mendes Nunes

MISSÕES NO ULTRAMAR

O jornal *O Seculo*, publicou ha pouco tempo uma carta, firmada com as iniciais J. A. G., em que este trata dum apêlo aos cidadãos portugueses a favor das missões catholicas.

Como nela haja uma referencia ás missões laicas, alguém me chamou a atenção para ella e após a sua leitura vi que necessitava dumas correccões e duns comentarios, pois que se vai tornando irritante o ver que muita gente que escreve é incapaz de tratar de missões sem que as laicas sejam alvejadas. Intransigencia ou engulhos?

Mas vamos ao que importa.

O autor da carta é pouco feliz ou finge ignorar aquilo que sabe toda a gente medianamente culta. Assim elle escreve:

....«Porém a culpa principal desta propaganda é nossa, pois deixamos instalar nos nossos territorios as missões protestantes estrangeiras, e nada fazemos pelas nossas, que lutam com imensas difficuldades, provenientes da falta de recursos.»

Estas duas asserções não são verdadeiras porque nós não deixamos instalar na nossa Africa as missões estrangeiras, mas somos obrigados a lá as consentirmos no cumprimento de convenções internacionais que assinámos e que temos de respeitar, o que é bem diferente.

Emquanto á segunda parte do periodo transcrito em que afirma que nada fazemos pelas missões catholicas portuguezas e que estas lutam com falta de recursos, também a affirmação é infeliz por injusta e falsa.

Para o provar basta transcrever para aqui uma frase de sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. D. Teotonio, actual superior do Collegio das Missões Ultramarinas, firmada no seu folheto publicado em Roma, e transcrito no boletim mensal *O Missionario Catolico*, que diz:

«Por certo nenhuma Nação do Mundo oferece hoje aos missionarios catholicos vantagens ou auxilios iguaes aos que concede o Governo Portuguez....»

A generosidade particular tambem se tem manifestado bizarramente como o mesmo boletim afirma, citando nomes.

E as suas granjas agricolas com os seus ricos pomares, arroteadas e plantadas ha dezénas de anos em grande parte de suas missões, que são suficientes não só para se abastarem a si mas até para abastecerem alguns mercados proximos dessas missões?!

E as esmolas de missas, festas, sermões e administração de sacramentos em algumas paróquias de que estão encarregados?!

Pobrezinhos!

Depois, a certa altura da carta, lá vem a *indispensavel* ferroadá as missões laicas, pela fôrma séguinte:

«Nenhumas referencias faço ás missões laicas civilizadoras, pois nada conheço dos resultados até á data obtidos, e, alem disso, por ser de opinião que para se ser missionario é preciso ter-se fé e religião.»

A ignorancia que confessa dos resultados já obtidos por algumas das missões laicas é pouco explicavel porque o Instituto que as prepara, tem um boletim que gratuita e profusamente distribuí pelo país e suas colonias, e até pelo estrangeiro.

A sua opinião de que não pode ser missionario o que não tiver fé e religião tambem peca por varios motivos. Assim, nega êle implicitamente, fé e religião as missionarios laicos. Com que fundamento?

São êles por ventura, livres-pensadores? E se o fossem, deixavam por isso de poderem ser homens de bem e cidadãos prestantes?

Simplesmente, êles só podem prégar uma religião, que ha de ser a do futuro: a religião do trabalho, da honra, da solidariedade humana e da fé inabalavel nos altos destinos desta gloriosa patria portuguesa!

As missões laicas alguma coisa vão fazendo o que bem se concluí pelos engulhos que estão causando e pelas perseguições de que estão sendo alvo.

Elas vão concorrer para destruir a velha lenda, que tem passado como axioma, de que só a fé e religião catolicas são capazes de civilizarem o preto e dêle fazerem um cidadão prestante.

Á proposito de tudo lá vem sempre a referencia desprimorosa e injusta, pretendendo que, no curto prazo de cinco anos, elas sejam já uns modelos de organização e tendo uma fôlha retumbante de serviços.

Estão ainda no período de sua instalação, lutando com falta de recursos e de auxilios officiais que se lhes não deviam de negar.

Muitas das catolicas tem dezenas de anos de existencia e quererem que aquelas em tão curto prazo de tempo tenham obtido os mesmos resultados é cegueira filha só da intransigencia de certos espiritos tacanhos e máus.

Trabalhem e deixem-se de censurar aqueles que se mais não fazem é simplesmente pela falta de recursos.

Deixem passar mais uns anos e falem então.

Por enquanto é demasiado cedo.

C. T.

PELO ESTADO DA INDIA



Viagem ás Praças do Norte

IV

Da fronteira do território de Goa
a Bombaim

SUAVEMENTE baloçado pela marcha cadenciada do combóio, adormeci profundamente. Atravessei assim, sem dar por isso, as vastas planícies do antigo reino de Satará, fundado pelo rajá Xivagi, no século XVII, á custa do império mussulmano de Bijapur.

Durante o sono, porém, o meu cérebro, com a fantasia exaltada pelos mil imprevistos da viagem e os tímpanos a chocalhar pelos múltiplos ruidos do combóio, entrou em sonhar fortemente. E no meio do sonho que me arrebatara o espirito inconsciente, como que atacado do delírio megalomaniáco de grandes conquistas, que foi a perdição do Kaiser, eu, um humilde civil, via-me convertido num feroz guerreiro e transportado para o passado, para os famosos tempos do apogeu da gloria de Portugal!

Com effeito, montado num soberbo ginete, via-me transformado num guerreiro mediaval, couraçado de ferro e, se não empunhava a formidavel duridana de Roldão, brandia uma espada portuguesa, tão forte e pesada como o celebre montante de D. Afonso Henriques. Ao meu lado, cavalgando fogosos corceis, estavam todos os heroes portuguezes que na conquista do Oriente se celebrizaram: Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, D. João de Castro, Duarte Pacheco, Antonio da Silveira, D. João de Mascarenhas, D. Francisco de Almeida, seu filho D. Lourenço, etc.

Então, estando tudo preparado para completar a conquista do grande império indiano, ergueu-se, num tablado, o vulto agigantado de Luis de Camões, coroado de loiros. E o immortal poeta, folheando a obra magistral dos Lusíadas, declamou com voz trovejante de tribuno, como havia feito perante D. Sebastião, o seguinte:

Nem deixarão meus versos esquecidos
aqueles que nos reinos lá da Aurora
se fizeram por armas tão subidos,
vossa bandeira sempre vencedora:
um Pacheco fortíssimo e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,
Albuquerque terribil, Castro forte,
e outros em quem poder não teve a morte,

em perigos e guerras esforçados,
 mais do que prometia a força humana,
 entre gente remota edificaram
 novo Reino, que tanto sublimaram.

Ouvi, vereis o nome engrandecido
 daqueles de quem sois Senhor superno:
 e julgareis qual é mais excelente,
 se ser do mundo Rei, se de tal gente.

Achavamo-nos defronte do palácio dos Viso-Reis, na Velha Cidade de Goa.

Afonso de Albuquerque assumiu o comando daquela coluna invencível de heróis. Montado no seu lindo cavalo branco, como Napoleão mais tarde em Austerlitz, ordenou o avanço para o interior da Índia.

Soaram os clarins de guerra. E a cavalgada poz-se em marcha, á frente dum grande exército, com toque de trombetas, charamelas e tambores.

Saiu-se da cidade pela porta fortificada do oriente, que se me afigurou um arco de triunfo. Um pouco adiante, a coluna transpunha o Passo de Benastarim, sob a protecção dos formidaveis canhões da sua fortaleza. E em seguida pisava o território dos inimigos. Tudo fugia na nossa frente!

Embrenhamo-nos nas matas de Embarbacem. Pelos desfiladeiros, fomos subindo as montanhas dos Gates. Pouco depois alcançávamos o planalto da Índia Central.

Começa a luta. Rompemos a batalhar por ali dentro. Ousadamente iamnos penetrando nas regiões misteriosas do centro da Índia.

Espavoridos, os inimigos fogem perante o nosso irresistivel impeto. As cidadelas maratas do rajá Sambagi e os castelos moiriscos, no reino do Idal-Can, bombardeados pela artilharia portuguesa e assaltados pelos nossos infantes, capitulam a cada passo. Na amplidão das planícies, o canhão troa incessantemente, com o ruído espantoso do trovão, ecoando nas quebradas das colinas longínquas.

A conquista dos portugueses alarga-se, aumenta, estende-se em todas as direcções, como um medonho cataclismo acompanhado dum formidavel incêndio que um ciclone soprasse. A população dos inumeros reinos indianos, transida de medo, rende-se, prostrando-se submissa á passagem triunfal das armas portuguesas. Os bigorrilhas dos rajás, cobertos de sedas bordadas a ouro e montando elefantes ajazados e os parranas dos nababos, scintilantes de pérolas, diamantes, rudis e esmeraldas, desciam dos seus tronos de ouro e entregavam-se, humilhados, aos conquistadores de tão denodada fama.

Se nas regiões submetidas, que nos ficavam para traz, alguma revolta se esboçava, era immediatamente sufocada pela força das armas. Os indianos, já por nós dominados, tinham, é certo sido, admitidos

a colaborar conosco na conquista dos bárbaros. Mas, ai daqueles que traissem a nossa boa fé, pela covardia, roubo, delassão ou revolta! Eram inexoravelmente fusilados em massa na boca dos canhões.

E a visão daquele sonho estupendo afigurava-se-me perante o meu inconsciente eu, como uma flagrante realidade.

—Portugal! Portugal glorioso! — gritei. Ontem vencedor nos mares, vences também hoje em terra!

«Os teus domínios no Oriente, que Afonso de Albuquerque firmara de Adem a Ormuz, de Ormuz a Ceilão e de Ceilão a Malaca, estendem-se agora pela Índia dentro, desde as praias tórridas do Cabo Camorim até os flancos nevados da grande montanha do Himalaia. Desde a fronteira da Pérsia até ás terras da China, todo esse interior da Índia com os seus rios fabulosos, te pertence: ele é o Indo que ao mar leva os segredos de Cachemira; o Ganges sagrado que as regiões ubérrimas de Bengala rega; o Bramaputra que na sua encantadora bacia as cristalinas aguas do Tibet recebe; e o Iravadi e o Saluen que irrigam os campos feracíssimos da Birmânia, onde a produção do arroz é tanta que parece uma benção de Deus!

Acordei sobresaltado, pelos meus próprios gritos. Levantei-me de repelão. E, esfregando os olhos, olhei em volta.

Graças á luz frouxa que caia do teto da carruagem, coada pelas cortinas azuis que velavam o lampeão, pude ver onde me encontrava e notar que os meus companheiros de viagem, erguendo a cabeça, me miravam espantados, pensando talvez que havia enlouquecido!

De repente, a minha consciência, despertando, fez-me recordar o sonho espantoso que tivera, com todas as côres carregadas e exageradas, o que me provocou o riso.

—Ah! ah! ah! estava sonhando! — expliquei em inglês, para tranquilizar os companheiros.

E levantei-me.

*

Os primeiros alvores da madrugada já aclaravam o horizonte. E eu, liberto do sono, desci o caixilho de rede da janela que me ficava ao lado, para poder contemplar o campo e disfrutar ao mesmo tempo o belo espectáculo do raiar da aurora, que não tardaria a desenharse.

Em plena consciência do meu ser, reví, então o sonho histórico, que me empolgara o espírito durante a noite, esse sonho de grandeza da Pátria, dum Portugal maior, dum grande império colonial que nos pertencesse, império que Afonso de Albuquerque outrora concebera, graças á visão sublime do seu grande génio de conquistador. E, com o olhar fito no horizonte, a espreitar a aurora, concentrei o pensamento na nossa história-pátria, passando em revista na memória vários factos que se relacionam com a nossa epopeia na Índia.

Após um perido áureo de descobrimentos e conquistas, firmado por portugueses de lei cujos feitos assombraram o mundo, vem a de-

cadência de Portugal, devida em grande parte á imbecilidade dos reis e á chatoagem de políticos sem caracter, operando ás ordens da famigerada Companhia de Jesus e do Santo Officio, que em pouco tempo haviam transformado o espirito aventureiro e as faculdades guerreiras dos portuguezes no comodismo fradesco, na rapinagem e hipocrisia jesuíticas. O nefasto dominio das consciências redundava num abastardamento dos caracteres!

Que outra coisa era de esperar, quando um D. João III perguntava aos governadores da India, não as noticias de novas conquistas nem do rendimento das feitorias, mas o número de baptizados que os missionários haviam feito?!

O patrimonio nacional, tão vasto e rico, ficou a saque duma realza imbecil, duma fidalguia degenerada e duma padralhada fanática e sem escrúpulos!

Por outro lado as ligações sexuais dos portuguezes com as suas escravas de Africa, América e Asia, introduziram no seio da viril raça portugueza uma mestiçada mole e preversa que muito tem contribuido para abastardar o nosso caracter.

E' claro que, não obstante tudo isto, as lindas qualidades de caracter da nossa bela raça não se apagaram por completo; tem sido e continuam a ser, felizmente, apanagio de muitos portuguezes de bem!

Valha-nos ao menos isso, para a nacionalidade não tombar para o abismo que os degenerados e os falsos portuguezes tem cavado!

E no meio destas tristes recordações, compunge-me o coração lembrar que a Holanda, a França e a Inglaterra, aproveitando a nossa fraqueza, nos esbulharam os nossos ricos domínios ultramarinos, que o sangue leal e generoso dos portuguezes havia regado e que tantas vidas preciosas a Portugal haviam custado!

A Inglaterra, mais diplomaticamente, a titulo de nossa aliada, foi tirando aos outros aquilo que eles nos tinham arrebatado, mas uma vez lá instalada, deixou-se ficar como senhora sob protestos vários. Assim perdemos Ceilão, Malaca, a Birmânia e inúmeros portos e feitorias da Africa e Asia.

Isto deu azo a que o Leão Britânico estendesse as garras sobre a India, realizando o grandioso sonho de Albuquerque.

Entrando pelo Indostão dentro, não com a cruz do missionário, mas com a balança do comerciante, foi fazendo a penetração pacifica, subrepticamente, por meio da célebre Companhia das Indias, a quem conferiu direitos magestáticos.

Quando um dia o índios abriram os olhos e quiseram sacudir o jugo britânico, o leão rugiu e firmou, pela força das armas, o seu riquíssimo Imperio das Indias. Foi a terrivel revolta dos cipais, em 1857, seguida do bárbaro massacre de muitos ingleses, no norte da India, que constituiu protesto mais que sufficiente para estes castigarem os revoltosos, estacelando-os na boca dos canhões, e se apoderarem da India. Ao trono dos mongóis em Delhi, começaram a subir então os reis de Inglaterra, sendo aí coroados como imperadores e

recebendo, a seus pés, como vassallos humilhados, todos os testas co-
roadas do Indústão.

Estava realizado o grandioso sonho de Afonso de Albuquerque,
com a diferença, porém, de que Portugal o começou e a Inglaterra
o levou a cabo!

*
*
*

Meditando ainda sôbre o sonho que tivera, passei a analisar o
presente.

Sob a administração duma sábia política colonial, os vastos do-
mínios da Índia tornaram-se para a Inglaterra uma inexaurível fonte



NOVA GOA. Cena da rua

de riqueza. Protegido pelas pautas aduaneiras, o seu comércio tem
aqui um grande campo de expansão. Os mais altos lugares na buro-
cracia, no comércio e na indústria são ocupados por súbditos ingle-
ses, que se fazem pagar bem, podendo levar, por isso, na Índia uma
vida de fausto e grandezas que perfeitamente se coaduna com o seu
papel de dominadores. Em qualquer emprêgo, o funcionário europeu
ganha sempre o dobro do que nas mesmas funções ganha o mestiço
e o quádruplo do que ganha o nativo. Faz-se rodear por toda a par-
te do maior prestígio e respeito.

Quanto á Índia Portuguesa, limitada como está a três pequenos retalhos na costa, que, comercialmente, para nós pouco valem, a colonização é inteiramente diferente. Sobrecarregado com os enormes encargos da dívida do caminho de ferro de Mormugão, Portugal, em vez de tirar lucros, gasta rios de dinheiro para manter esta colónia e o Padroado que lhe anda ligado e de que só lucram os ingleses. Emquanto na Índia Britânica mais de trezentos mil europeus, entre civis e militares, se acham vantajosamente colocados, no Estado da Índia Portuguesa apenas uma centena de metropolitanos, contando os militares, teem colocação. E no regimen da igualdade que estabelecemos, tanto ganha o europeu, como o mestiço ou o nativo, quando as condições de vida de uns e outros são bem diferentes! De resto, exceptuando meia dúzia de chefes de serviço e militares mais graduados, os restantes funcionários europeus ganham uma ridicularia e vivem na penúria.

Luctando constantemente contra a chicana que a advocacia indigena e os rabiscadores da imprensa indiana fomentam mercê da insensata e inadequada applicação das leis e códigos da metrópole a esta colónia, o funcionário europeu na nossa Índia alem de ganhar pouco é um martir do dever, quando pugna para manter com brio e honra o prestigio da República Portuguesa!

Ao terminar estas cogitações, afloraram-me ás palpebras algumas gotas de cloreto de sódio... Um português puro vibra de sentimentalismo e nunca fica indiferente perante as desgraças da Pátria!

A aurora começava a tingir-se de côres suaves. Contemplando a natureza, procurei esquecer as ideias tristes que me haviam incomodado. A vista aclarava-se-me. O agradável sopro da brisa refrescava-me a fronte benignamente. Senhor da minha vontade, tornei-me calmo. E na plena lucidez do meu espirito, mudei a direcção do pensamento, passando das recordações deprimentes para a concepção estética da beleza que o raiar da aurora me proporcionava.

Era a hora côr de rosa. Uma cidade avizinhava-se. O horizonte inundava-se de carmim puro. Destacavam-se nesse lindo fundo as negras silhuetas das árvores e dos edificios. E o campo acordava pelo er-guer dos homens e pelo chilrear das aves.

Que admiração me causava aquele lindo efeito de luz! Se ali tivesse os pinceis e as tintas, para tentar reproduzi-lo numa tela...

O combóio ia, com efeito, atravessando a cidade de Puna (*Poona*, como escrevem os ingleses) uma das capitais outrora do réino de Satará e hoje ponto estratégico para concentração de tropas da guarnição da Índia Britânica. Foi em Puna que um emissário dos portugueses negociou com o rajá Pechuá a cedencia a Portugal das matas de Praganá de Nagar-Aveli, como indemnização pela afronta que nos haviam feito piratas maratas, roubando-nos um barco de comércio.

Foi também dessa região do Satará que vieram as hostes aguer-

ridas do rajá Sambagi, no fim do século XVII, contra os portugueses, tomando-nos alguns fortes quasi desguarnecidos e infligindo aos prisioneiros portugueses que lhes caíam nas mãos as maiores afrontas: homens brancos eram despidos e, de mãos amarradas atrás das costas, obrigados a marchar, a pé, na frente da cavalaria dos negros! Suprema vergonha para uma raça nobre que conquistara a Índia! E devida, sobretudo, ao fanatismo religioso que só curava de conventos, deixando desguarnecidas as fortalezas!

A propria ilha de Goa, por um tris não caiu nas mãos dos maratas, em 1683. Achava-se o Sambagi já acampado, com vinte mil homens a cavalo, na ilha fronteira de Jua ou Santo Estevam, pronto para passar os passos do rio. A guarnição portuguesa não passava de quatrocentos homens. O Governador D. Francisco de Távora, conde do Alvor, depois dum revez em Pondá e Santo Estevam, meteu-se a resar na casa professa dos jesuitas, indo depositar o seu bastão de Viso-Rei e as insignias de general no túmulo de S. Francisco Xavier, para o santo salvar a cidade!

O milagre fez-se! Os maratas abandonavam a ilha de Santo Estevam no dia seguinte, retirando precipitadamente para o seu país...

O povo ficou acreditando no milagre do santo, mas a verdade, segundo reza a história, é esta: acabava de chegar a Assenorá e Bicholim um exercito de quarenta mil mongóis comandados pelo príncipe Xá-Alan, filho do Grão-Mongol Aurengzeb, nosso aliado e inimigo fígadal do rajá Sambagi!

Se os maratas não haviam de fugir!!...

* * *

Entrou a combóio na estação de Puna. Como um monstro da fábula detem-se a resfolgar medonhamente pelas ventas da máquina, sob a alta alpendrada de ferro e zinco.

Um olhar em volta faz-me certificar que me encontro numa grande estação. Plataformas das gares muito espaçosas. Muitas repartições do pessoal ferro-viário. Armazens, casas de espera, restaurantes e quiosques para venda de frutas e bebidas. Pontes sôbre as vias. Emfim, eis ali tudo o que necessita uma estação importante, como é este entroncamento de duas vias ferreas: a M. S. M. R. (*The Madras and Southern Mahratta Railway C.^o Lt.^a*) e a G. I. P. R. (*The Great Indian Peninsula Railway*).

Uma matulagem de moços de fretes (*coolis*, como lhe chamam os ingleses) assaltou o meu combóio, para transportar para outro a bagagem dos passageiros.

Mudo para o rápido de Bombaim, da G. I. P. — *Poona-Bombay-Express*.

Que lindo combóio! Dum luxo que excede o do nosso rápido Lisboa-Porto. Tem vagão-restaurant, corredores laterais e compartimentos amplos e bem almofadados. Luz eléctrica e ventoinhas eléctricas. Mesa junto das janelas para escrever, jogar ou comer no com-

partimento. Nas redes é apenas permitido colocar pequenos volumes de mão; as malas, sejam de que tamanho fôrem, ficam num compartimento da bagagem, á entrada da carruagem, guardadas por um empregado, que nos entrega uma senha com um numero igual ao que cola na mala.

Como naquela hora matutina apetecesse confôrtao o estomago, os criados serviram-me no compartimento onde me instalei café com leite e torradas. E tomaram nota do meu desejo de almoçar, ás 11 horas, no salão do restaurante.

Num dos muitos grupos dos passageiros acorados na gare vi duas mulheres completamente veladas por dominós brancos. Tão veladas que nem os olhos mostravam, mercê da gaze que tapava os buracos por onde podiam ver! Essas mulheres fantasmas, como Pierre Lotti chamava ás turcas, eram árabes. Apesar do mistério de que se rodeiavam, um acaso fez-me ver o rosto duma delas, por sinal bastante formoso. Foi quando teve de levantar o veu, para dar a teta a uma criança que lhe chorava nos braços.

Officiais ingleses e *misses* altas, esguias, álvias de neve e muito loiras, acompanhadas de cães de regalo, flanavam pela gare, á espera do primeiro sinal da partida do expresso.

Chegavam parsis com o seu traje característico. Como nativos chiques e endinheirados que são, tomavam lugar na 1.^a ou na 2.^a classe. E ali, entre as parsinas ou parsanas como lhe chamou o nosso Camões, vi uma pulquérrima jovem, cujo corpo escultural, realçado pelo pano subtil de seda em forma de sáia travadinha e manto, eu não me fartava de contemplar!

Mas a insistência do meu olhar parece ter sido tomada pelo marido como um sentimento diferente da mera contemplação da beleza da mulher, a que não pode ficar indiferente o gôsto estético dum artista, tais eram as miradas ciumentas que êle, de quando em quando, me lançava, provocando-me, como não podia deixar de ser, sorrisos de desdem.

(Continúa)

M. Antunes Amor

Missões Civilizadoras

No dia primeiro do presente mês de outubro embarcaram no vapor «Moçamb'ique» com destino á Provincia do mesmo nome os agentes José Fernandes Cravo, José Tomás Pires e Manuel Ramos Sequeira Ribeiro e os agentes auxiliares Eduardo Alves, Antonio Marcelino e sua mulher Clotilde da Silva Teixeira.

Tambem embarcaram no dia 18 do corrente mês com destino á Provincia de Angola os agentes Albino Gaspar Nunes da Silva, Emilio Augusto Ferreira Mendes e Francisco Carolino Soares Amaro.

Boa viagem e felicidades.

OS «MUILLAS»

(Extracto do relatório do chefe da Missão-officina «Oscar Torres»)

É pouco densa a população nas imediações desta Missão. O *tchilongo* mais proximo fica-nos a um quilometro de distancia.

E' a sua população constituída pela raça dos *muillas*, como, em geral, é aquella que habita este planalto.

Os «muillas» são prestaveis, embora um tanto ou quanto refractarios ao trabalho, fugindo a elle sempre que podem e ocultando-se entre e sob as penedias — tragloditas perfeitos — vivendo em comum com os macacos, que, por estas paragens, abundam.

Quasi completamente nus, com umas pequenas pèles, apenas para resguardo das partes pudicas, cabeça rapada sob o fino gume de vidros, cristas de cabelo longo pelo meio da cabeça — desde a testa até á nuca — tal a imagem do *muda*, que regra geral, é ladrão.

Dos que vivem aqui perto, meninos a velhos, apezar de terem estado sempre em contacto com os brancos, raro é aquelle que fala e comprehende o portuguez.

COSTUMES GENTILICOS

Os *muillas* seguem, rotineiramente, os costumes gentilicos.

Quando algum morre o cadaver é enterrado, sempre ao erguer do sol, pelas 8 horas, pouco mais ou menos, sob uma arvore de proporções grandes — a maior que houver no sitio — e em torno da mesma arvore fazem o cemiterio para os que forem morrendo na familia.

Matam sempre, em honra do morto, um boi, não para lhe comerem a carne, porque essa é atirada para o mato, mas para lhe tirarem a pèle da qual fazem cintos que cada membro da familia usa para lembrar-se pela vida fóra, da pessoa morta.

O cadaver, antes de descer á cova, é envolvido num pano novo, para tal fim propositadamente comprado, e os sobreviventes vão, de futuro, em romaria, colher e comer o fructo da arvore a cuja sombra repouzam os corpos inanimados ali sepultados.

Os namóros, entre eles começam quando ainda são creanças, ai pelos 8 ou 10 anos. Começam a sentir desde pequenos inclinação mutua, vão falando e vão-se afeiçoando, e, chegados que são aos 18 ou 20 anos, o rapaz vai buscar a rapariga a casa dos pais, dando-lhe em troca um boi. Fazem depois uma ligeira festa: um fartote de «macau» (bebida fermentada feita de «massambála») para a familia toda, e assim termina a função, ficando a noiva em casa do noivo.

Volvidos dias, mezes ou anos — a questão do tempo não importa — se qualquer atrevido se lembrar de perturbar a *paz conjugal* do vizinho, requestando-lhe a amavel consorte, rouba-lha sem mais preambulos nem grande pezar ou resentimento do marido traído, recebendo este, apenas, e em compensação, um boi, que lhe é dado pelo seductor.

E estas scenas podem repetir-se, com os mesmos actores, pares ou de-

zenas de vezes, que eles não se batem por isso, nem sequer chegam a cortar relações!...

Quando qualquer mulher dá á luz, toma uma bebida especial de puré de farinha de «massango» ou milho, bem quente, depois do parto e, tres dias volvidos, sai da cubata, como se nada tivera.

Umás dão aos filhos os nomes dos pais ou dos irmãos, outras servem-se do nome da primeira coisa que vêem ao sair da cubata depois do parto.

E, assim, conheço aqui um preto chamado «Tchipoque» porque a mãe depois de o ter dado á luz, viu um feijão quando da cubata saia.

Conheço, outro chamado «Ungalanganga», porque a mãe depois de ele ter nascido viu uma abobora ao sair da cubata.

Emfim, coisas típicas, extravagantes preconceitos, proprios de raças atrasadas, não bafejadas ainda pelo sopro salutar da civilização.

O Chefe, = **Manuel Correia da Silva**

Cinco de Outubro de 1925

Vão já decorridos quinze anos desde que o povo português implantou a República neste glorioso país.

Uma denodada pleiade de altos espiritos e de devotados cidadãos, cheios de ideal e de generosas aspirações de progresso, vinha ha dezenas de anos prégando no jornal, assim como no folheto, e em reuniões e comícios, as aspirações de progresso pela Democracia.

A sementeira estava feita e tão bem feita que a planta ideal lançou fortes raizes no cerebro e coração do povo, e este, conscio dos seus deveres e direitos, aboliu uma monarquia de seculos cercada de privilegios e de baionetas!

Estas quasi se não utilizaram para defender uma causa já bem morta no espirito público.

A República vinha por evolução social, e assim ela vive ainda e viverá apezar das vacilações dos primeiros passos e das grandes dificuldades que lhe provieram da Grande Guerra e que atingiram todos os povos do mundo.

Um povo indomito, heroico e de largas aspirações não podia continuar a ser dominado pelo privilegio e arbitrio duma casta.

Agora será elle, o povo, que traçará o seu futuro marchando firme e em linha recta para a conquista dum melhor bem estar, e para a formação duma sociedade nova onde não hajam analfabetos e reacções mas sim onde domine seberana a verdadeira solidariedade, a justiça e o bem.

Uma data assim memoravel não podia deixar de ser celebrada com entusiasmo e ardor como de facto o foi neste Instituto onde se estão preparando os agentes de civilização ultramarina. Houve, pois, alvorada pela banda dos aprendizes e a seguir foi hasteada a bandeira nacional na presença de todo o pessoal do Instituto, sendo ao pôr do sol o arrear acompanhado de igual formalidade.



CORRESPONDENCIA

DAS

MISSÕES CIVILIZADORAS

*Da Missão "Primeiro de Dezembro"**Ex.^{mo} Sr. Director*

Vila Serpa Pinto, 20/5, 925.

DURANTE estes longos meses de duvidas, de incertezas, em que os destinos da «Primeiro de Dezembro» se debateram duvidosamente num meio constante de adversidade, fui obrigado a interromper as minhas prometidas informações para não ir preocupar V. Ex.^a com a exposição circunstanciada de todos os apoquentamentos e revêzes, que a nossa obra patriótica de civilização e nacionalização das populações indíginas, tão incoerentemente tem sofrido por parte de muitos espiritos negativistas, os quais infelizmente, para nós, não compreendem os altos fins humanitarios que a nossa actividade civilizadora tem em vista. Desta forma vão continuamente aumentando entraves á sua efficácia e ao seu desenvolvimento, collocando, por isso, as missões numa situação verdadeiramente desprestigiadora.

Porém, tenho fé que havemos de vencer, diminuindo, devagarinho, todas estas peias, e que a nossa instituição se ha-de tornar grande e perduravel ao calor do nosso trabalho e ao vivo carinho da nossa fé ilimitada.

Tenho encarado todas estas provações serena e resignadamente, e creia, Sr. Director, que em todas estas lutas só vejo motivos para mais devotadamente me lançar á obra, mostrando alevantadamente a sua necessidade.

Nunca o desanimo nos venceu, assim como nos não venceram nem intimidaram as graves dificuldades previstas nas regiões isoladas do Cuando.

Como V. Ex.^a sabe, não foi a nossa temeridade ou a nossa pouca experiencia das coisas de Africa que nos forçaram a permanecer aqui. Outras razões de maior pêsco que o Henriques já expôz a V. Ex.^a, se impozeram, imperiosamente, ao prosequimento da nossa viagem.

Chegámos a Vila Serpa Pinto, séde do distrito do Cubango, em condições bastante precárias, que este meio, difficilmente, nos podia satisfazer, pois lutava nessa época, como ainda luta hoje, com enormes difficuldades financeiras.

Esta situação lamentavel, deu origem a que o Sr. Governador,

não podendo satisfazer os numerosos encargos que a fundação da missão exigia, propuzesse para o Governo Geral a transferencia dela da circunscrição fronteira do Cuando, para a circunscrição-séde do distrito. Enquanto a proposta seguia para Loanda, nós continuamos a permanecer aqui, esperando uma aprovação. Até hoje o Governo Geral ainda se não manifestou sobre o assunto.

Apesar disso, começamos já com os trabalhos de instalação, em cumprimento das indicações do encarregado do Governo Sr. Viana Frazão, que, presentemente, dirige o Governo do distrito, na ausencia do respectivo Governador.

Temos quasi concluida uma casa de pau a pique de 18 metros de comprimento por $4\frac{1}{2}$ de largura, que constituirá a principio a nossa primeira habitação. Todas as outras casas que projetamos edificar, serão construidas a adobe, pois torna-as mais solidas e duraveis. As casas de pau a pique duram pouco tempo, pois a salalé consome-as rapidamente. Lançámos, tambem, algumas sementes á terra, iniciando nesta pequena horta, a granja que pensamos fazer.

Porém, todos estes trabalhos são feitos ainda na incerteza de ficarmos aqui ou seguirmos para o Cuando.

Como ainda não veio uma aprovação á proposta que seguiu, que, necessariamente deve vir, estamos vivendo ainda no primitivo regimen de folhas, em virtude da Fazenda Publica se recusar por enquanto, a darnos a dotação que a lei nos concede.

Nesta conformidade, V. Ex.^a pode ver claramente que esta administração dependente, não nos dá margem a alargarmos a nossa esfera de acção.

Estou bastante satisfeito com a escolha do local, pois, a meu ver, reúne condições vantajosas para que a «Primeiro de Dezembro» se possa desenvolver rapidamente. O principal e o necessario é que nos auxiliem nos primeiros tempos.

E' na margem direita do rio Luáuca, afluente do Cuéve, um local distanciado uns oito quilometros e meio de Menongue, primitiva séde, que a nossa missão se está, presentemente, instalando.

O terreno é de grande fertilidade, que nos é demonstrada pelas culturas produtivas dos pretos da região, nas pequenas lavras que conseguem fazer em dias de bôa disposição, e pela altura do capim nos terrenos incultos, que chega a atingir 3 metros. O campo que se estende ao longo do rio é extensissimo, e para suprir a falta das aguas durante a época das secas, faremos, logo que as nossas condições de vida o permitam, uma levada, para que se possam regar todas as culturas. A abertura da levada para a agua é facil, porque o terreno e o rio teem uma grande declinação. E' precisamente sobre a granja que vão recair de preferencia as nossas atenções e cuidados, pois como estamos proximos dum centro de consumo grande, facilmente adquiriremos ali colocação para os nossos produtos, conseguindo para a missão uma situação mais desafogada e livre. Os trabalhos das oficinas terão aqui bastante procura. Se na missão tivessemos uns auxiliares, sapateiro e alfaiate, teriamos já bastante ser-

viço feito, pois nestas paragens não se encontra nenhum e o numero de pessoas brancas é grande.

Como V. Ex.^a vê, temos aqui um largo campo para quaisquer empreendimentos a que nos queiramos abalançar.

No Quando nada poderíamos fazer.

Desde já devo expôr a V. Ex.^a a minha opinião, embora não tenha valor algum, mas que é o resultado das minhas muitas observações.

A circunscrição fronteira do Quando, actualmente com a séde na confluencia do rio Oeff, com a via fluvial, o Quando, apesar de ter o clima razoavel para a instalação da missão, conforme as informações do administrador da mesma, possui também grandes inconvenientes, como sejam a falta de população, o isolamento inconsideravel e a falta dum centro de consumo para quaisquer produtos da missão.

Além disso, as missões teem como principios basilares a divulgação da civilização e a ideia da nacionalização no animo do indígena. Ali, estes deveres, deixariam de ser cumpridos, porque a densidade da população é reduzidissima.

A nossa missão instalada lá longe, reduzir-se-ia a ser apenas uma missão politica ou de occupação, mantendo junto á casa dos nossos cubiçosos aliados, o respeito pela nossa soberania.

Assim ella nunca seria uma missão civilizadora. A vida das nossas missões junto á fronteira, embora seja duro dizer-se, vão-se estiolando a pouco e pouco, antecipando o seu desprestigio porque para os nossos inimigos ellas só valem pelo trabalho que demonstram. Por isso, assim, completamente isoladas, onde a falta de recursos se faz sentir extraordinariamente, pouco podem fazer. Depois desta missão estar desenvolvida, então, sim, é que se pode pensar na fundação de outras pelo interior fóra, pois que nesta missão encontrarão sempre um apoio a qualquer deficiencia, servindo de seguro sustentáculo á sua vida.

Agora, que estava dedicando todo o meu entusiasmo ao levantamento, ao inicio da nossa obra, fui deslocado do serviço da missão, em virtude duma ordem de serviço do Govêrno do distrito, que me obriga a desempenhar provisoriamente as funções de professor na escola official de Menongue, na ausencia do seu professor, que foi ha dias transferido para o Lubango.

Tomei ha dias posse deste meu novo cargo que exercerei até á chegada do novo professor. Lá deixei o Henriques e os auxiliares no Luáuça entregues aos trabalhos da missão.

O Henriques está desempenhando as funções de chefe, pois o Marcelino não vem, segundo uma comunicação que me fêz, em virtude da Repartição Superior dos Negocios Indígenas o não ter ainda avisado. Não sei quem virá assumir a chefia da missão.

Esperamos que alguém venha, para fazer requisições de varios artigos que nos são de indispensavel necessidade.

Esperando que V. Ex.^a nos vá auxiliando nas medidas do possivel, termino porque esta vai longa.

Aceite os respeitosos cumprimentos do Henriques, que se encontra, felizmente bem.

Do que a V. Ex.^a deseja muita saude, peço aceite os protestos vivos de estima e consideração.

Saude para todos.

Armindo Soares

Instituto de Missões Coloniais

RESULTADO DOS EXAMES DO CURSO GERAL DOS LICEUS

ALUNOS APROVADOS

CURSO LICEAL

2.^a CLASSE

Admar José Zilhão, filho de Antonio Amandio Zilhão, natural de Carviçais, Linha do Douro, concelho de Moncorvo.

Adriano Mendes Pereira, filho de João Carlos Garcia Pereira, natural de Chamusca.

Alfredo Dias da Silva David, filho de Augusto Heriques David, natural de Pedrógão Pequeno, concelho da Certã.

Alvaro Castanho de Matos Belo, filho de Antonio de Matos Castanho, natural de Mação.

Alvaro Matias da Silva Nogueira, filho de José Alves Nogueira, natural do Telhado, concelho do Fundão.

Antonio Farinha Boavida, filho de Vicente Farinha, natural da Zebreira, concelho de Idanha a Nova.

Antonio Gonçalves de Carvalho, filho de José Antunes de Carvalho Portugal, natural do Carril, concelho de Ferreira do Zezere.

Antonio José Teixeira, filho de Antonio Maria Teixeira, natural de Freixo de Espada à Cinta.

Antonio Nunes, filho de José Nunes, natural de Cardiga Cimeira (Cumeada), concelho da Certã.

Armando da Conceição Teixeira, filho de Cândido da Silva Teixeira, natural de Lisboa.

Cesario Cotrim da Silva Garcez, filho de Antonio Cotrim da Silva Garcez, natural do Vale do Serrão, concelho de Ferreira do Zezere.

Delmar Moniz de Moraes Parra, filho de Alipio Augusto de Moraes Parra, natural de Bemposta, concelho de Mogadouro.

Dimas Nunes, filho de Sebastião Nunes, natural de Varzea dos Cavaleiros, concelho da Certã.

Domingos Crespo, filho de Domingos Crespo, natural de Segura, concelho de Idanha a Nova.

Fernando Augusto de Moura Ramôa, filho de Augusto Manuel da Silva Ramôa, natural de Britelo, concelho de Celorico de Basto.

Fernando da Silva Carvalho, filho de José da Silva Carvalho, natural de Proença a Nova.

Francisco Antonio Martins, filho de Avelino Eleuterio Martins, natural de Miranda do Douro.

Francisco Augusto Neves, filho de Julio dos Anjos Neves, natural de Carviçais, concelho de Moncorvo.

Francisco José Romão, filho de Artur Maria Romão, natural do Mosteiro, concelho de Oleiros.

- Henrique Augusto Roxo, filho de Manuel Maria Roxo, natural de Mogadouro.
 Horacio Cardoso da Silva, filho de João Antonio da Silva, natural de Lisboa.
 Idérito Augusto Fachada, filho de Antonio Augusto Fachada, natural de Felgar, concelho de Moncorvo.
 Idília Nunes da Silva Antunes, filha de Manuel dos Santos Antunes, natural de Sernache do Bomjardim, concelho da Certã.
 Irene de Oliveira Braz, filha de Izidro de Oliveira Braz, natural do Pêso, concelho de Vila de Rei.
 Jaime Moraes Pereira, filho de Jaime Agostinho da Silva Pereira, natural de Lisboa.
 Januario Marques Proença, filho de José Marques Proença, natural de Segura, concelho de Idanha a Nova.
 João de Oliveira Leitão, filho de João de Oliveira Leitão, natural de Pedrógão, concelho de Penamacor.
 Joaquim Vaz de Azevedo, filho de Sebastião Vaz de Azevedo, natural de Orvalho, concelho de Oleiros.
 Jorge Nunes Mendes da Silva, filho José Mendes Nunes da Silva, natural de Conceiros, concelho da Certã.
 José Baião Marçal Correia, filho de José Marçal Correia da Silva, natural de Ferreira do Zezere.
 José Marques, filho de José Marques, natural de Proença a Nova.
 José Maria Rodrigues, filho de Antonio Rodrigues dos Santos, natural de Lisboa.
 José Pereira, filho de Antonio Pereira Junior, natural de Vale do Barco, concelho de Pedrógão Grande.
 José dos Santos Silva, filho de José dos Santos Silva, natural de Lisboa.
 Libel Augusto Cosme, filho de Antonio Augusto Cosme, natural de Souto da Velha, concelho de Moncorvo.
 Manuel Dias Ribeiro, filho de Joaquim Dias, natural da Atalaia do Ruivo, concelho de Proença a Nova.
 Manuel Joaquim Marques Alves, filho de Narciso Joaquim, natural de Vilar da Mó, concelho de Gavião.
 Manuel Matos da Silva, filho de João Nunes de Matos, natural da Fundada, concelho de Vila de Rei.
 Maria da Natividade Cardoso Pires, filha de José Augusto de Oliveira Pires, natural de Cardigos, concelho de Mação.
 Maria Zelia Marinha Belmonte de Lemos, filha de Braulio Martins Belmonte de Lemos, natural da Povoia da Ribeira Sardeira, concelho da Certã.
 Mário Farinha, filho de Palmira de Jesus, natural de Sernache do Bomjardim, concelho da Certã.
 Martinho Gonçalves, filho de Manuel Gonçalves, natural de Proença a Velha, concelho de Idanha a Nova.
 Natalia da Silva Alcobia, filha de Nascimento de Alcobia, natural de Paio Mendes, concelho de Ferreira do Zezere.
 Olimpia Lopes Ferreira dos Santos Silva, filha de Carlos Simões dos Santos e Silva, natural de Manaus, (Brazil).
 Orlando Soares Teles, filho de Antonio Soares Louro, natural de Véla, concelho da Guarda.
 Sebastião da Silva Sarmento, filho de Adelino dos Santos Sarmento, natural de Sernache do Bomjardim, concelho da Certã.
 Adiados 6.

5.ª CLASSE

- Alice Nunes da Silva Mendes, filha de José Mendes da Silva, natural de Sernache do Bomjardim, concelho da Certã.
 Alzira Alves Pereira, filha de Antonio Pereira, natural de Proença a Nova.
 Amandio Augusto Cosme, filho de Antonio Manuel Pinheiro, natural de Souto da Velha, concelho de Moncorvo.

Antonio Francisco da Silva, filho de Maria Rosa da Silva, natural do Cabeçudo, concelho da Certã.

Armando Araujo, filho de Maria Santa Araujo, natural da Ilha do Principe.

Armando Augusto Ferreira, filho de Francisco Antonio Lopes Ferreira, natural de Lagoaça, concelho de Freixo de Espada à Cinta.

Celeste Farinha Braz, filha de Izidro de Oliveira Braz, natural do Pezo, concelho de Vila de Rei.

David Alves Correia, filho de José Nunes Correia, natural de Lourical do Campo, concelho de Castelo Branco.

Fernando Peres da Costa Cabral, filho de Virginia Mendes Peres Ferreira natural de Ferreira do Zezere.

Florinda da Conceição Soares, filha de Manuel Soares, natural de Ferreiros da Ribeira, concelho de Figueiró dos Vinhos.

José Esteves, filho de Maria do Bom Sucesso Esteves, natural de Soure.

José da Silva Rebordão, filho de Antonio Gonçalves Rebordão, natural de Souto da Casa, concelho do Fundão.

Manuel Gonçalves Terreiro, filho de Antonio Gonçalves Terreiro, natural da Goleg.

Maria Irene da Silva Ferreira, filha de Carlos Antonio Ferreira, natural de Sernache do Bomjarim, concelho da Certã.

Virgilio Antunes de Carvalho, filho de Marcos José de Carvalho, natural de Valheilhas, concelho de Manteigas.

Desistencia 1.

CURSO COMPLEMENTAR

1.º ANO

Adelino José Neto, filho de Alexandre Joaquim Neto, natural de Fornos, concelho de Freixo de Espada à Cinta.

Antonio Antunes Alexandre, filho de Joaquim Antunes Alexandre, natural de Sernache do Bomjardim, concelho da Certã.

Antonio Castilho Serra, filho de Francisco Gonçalves Serra, natural de Chaves.

Antonio Lucas Martins, filho de João Lucas de Moura, natural de Milreu, concelho de Vila de Rei.

Armando Vaz Russo de Oliveira, filho de Joaquim Caetano Russo, natural de Castelejo, concelho de Fundão.

Artur Alberto Pereira, filho de José Joaquim Pereira, natural de Moncorvo.

Francisco Salgueiro Alves, filho de Severino Alves Gago, natural de Mação.

Herculano Vaz Serra Rebordão, filho de José Vaz Serra Rebordão, natural do Souto da Casa, concelho de Fundão.

João-Alberto Moura, filho de Francisco Inácio de Moura, natural de Castelo Branco, concelho de Bragança.

João Albuquerque de Oliveira, filho de José Jacinto de Oliveira, natural de Soure.

João Martins Lourinho, filho de Joaquim Martins Lourinho, natural de Castelo Branco.

João dos Santos Moreira, filho de Francisco dos Santos Moreira, natural de Donas, concelho do Fundão.

Joaquim Gomes Rascão, filho de João Gomes Rascão, natural de Salvaterra do Extremo, concelho de Idanha a Nova.

José Antunes de Carvalho, filho de Marcos José de Carvalho, natural de Samedro, concelho de Manteigas.

José da Silva, filho de Manuel da Silva, natural de Tomar.

José de Sena Lino, filho de Luís André de Sena, da Amieira, concelho de Niza.

José dos Santos Almeida, filho Joaquim dos Santos, natural de Fatela, concelho do Fundão.

Luiz Castanho de Matos Belo, filho de Antonio de Matos Castanho, natural de Mação.

Manuel Augusto da Rosa Alpedrinha, filho de Ana Miquelina da Rosa Alpedrinha, natural de Mação.

2.º ANO

Albino Gaspar Nunes da Silva, filho de Joaquim Nunes da Silva, natural de Sernache do Bomjardim, concelho da Certã.

Emilio Augusto Ferreira Mendes, filho de Luiz Marcelino Ferreira Mendes, natural de Maçôres, concelho de Moncorvo.

Francisco Carolino Soares Amaro, filho de Joaquim Celestino Amaro, natural de Chibia, (Angola).

José Fernandes Cravo, filho de Eduardo Fernandes Cravo, natural de Mação.

José Tomás Pires, filho de Manuel Antonio Pires, natural do Cabeço do Carvalho, concelho de Ferreira do Zezere.

Manuel Ramos Sequeira Ribeiro, filho de Francisco de Sequeira Ribeiro, natural de S. Cristóvão, concelho de Lisboa.

BIBLIOTECA

DO

Instituto de Missões Coloniais

OBRAS PUBLICADAS

Apontamentos sobre alguns medicamentos de urgencia, para uso das Missões Civilizadoras, por A. R. Martins.

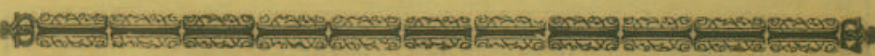
As Missões em Angola e Moçambique — Resumo Historico e um Plano Missionario, M. Borges Grainha.

Employ of Prepositions.

Fernão de Magalhães e a sua Viagem de Circumnavegação, por Antonio Ferrão.

Legislação sobre Missões Civilizadoras — Decretos n.ºs 3:352, 3:469, 5:778, 5:847-E e 6:322.

Regulamento da Instrução Secundária — Decreto de 18 de Junho de 1921.



REGULAMENTO DA INSTRUÇÃO SECUNDÁRIA

DECRETO N.º 7:568, de 18 de JUNHO de 1921

Um volume brochado 3\$00

ENCONTRA-SE À VENDA NA LIVRARIA CORREIA PINTO,

RUA DE S. NICOLAU, N.º 73 — LISBOA





Instituto de Missões Coloniais

INTERNATO DE ALUNOS PENSIONISTAS

Neste estabelecimento são admitidos alunos internos pensionistas, para frequência do curso liceal. (Decretos n.º 3:352 e 3:469).

As condições do internato são as seguintes:

1.ª

A idade da admissão é dos 10 aos 13 anos.

2.ª

O preço da pensão é de 3:500,00, pelos dez meses de tempo escolar, de 1 de Outubro a 31 de Julho.

3.ª

Neste preço compreende-se alimentação, tratamento medico, roupas e mobilia de quarto.

Estes alunos não são obrigados nem destinados ás missões.

BANCO COLONIAL E AGRICOLA PORTUGUÊS

Capital: Esc. 45.000.000\$00

SÉDE: **LISBOA**

Endereço telegráfico geral: **PROCOLONIA**

TELEPHONES:

C 3640 — Direcção
C 3641 — Gerencia
C 3642 — Expediente

CÓDIGOS USADOS:

RIBEIRO, A. B. C. 5th. Ed.;
LIEBER'S; BENTLEY'S
PETERSON

FILIAL NO FUNCHAL: MADEIRA

SUCURSAES:

Lourenço Marques, S. Vicente (Cabo Verde)
Loanda, Benguela, Mossamedes, Inhambane,
S. Thomé e Moçambique.

Agencia em **EUORA**

Principaes correspondentes em:

PORTO — Pinto & Sotto Mayor	BERLIM — Deutsche Bank
LONDRES — Midland Bank Ltd.	RIO DE JANEIRO — Banco Portu- guês do Brasil
PARIS — Banque Nationale de Credit	NEW YORK — Guaranty Trust Co.

CORRESPONDENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DE PORTUGAL,
AÇORES, COLONIAS PORTUGUESAS, BRAZIL E ESTRANGEIRO.

AGENTES

Nas Colonias Portuguesas, da **SAGRES**, Companhia de Seguros Luso-Brazileira.

Na Madeira e Cabo Verde, da Companhia de Navegação **LLOYD-BRAZILEIRO**.



TIPOGRAFIA

< DO >

Instituto de Missões Coloniais

Sernache do Bomjardim

Esta officina, montada com material novo, acha-se habilitada a executar todos os trabalhos tipograficos para uso de repartições publicas, comércio e particulares, taes como: mandados, ordens de pagamento, circulars, facturas, memoranduns, avisos, livros, jornaes, programas, prospectos, etc.

TIMBRES EM PAPEL E ENVELOPES

BILHETES DE VISITA E PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

REGISTOS DE SANTOS DE VARIAS INVOCAÇÕES para os quaes tem uma grande coleção de belas gravuras, que se imprimem por preços modicos.

ENCADERNAÇÃO

Execução solida e perfeita em encadernações desde a simples cartonagem á melhor encadernação em carneira e precalina.

Livros em branco, pastas, etc.

